

O espaço físico e suas contribuições para as interações e aprendizagens infantis

Physical space and its contributions to children's interactions and learnings

Espacio físico y sus contribuciones a las interacciones y aprendizaje infantil

Jacqueline Silva Silva
Universidade do Vale do Taquari
jacqueh@univates.br
<https://orcid.org/0000-0001-7199-4047>

Andreia Cristina Pontarolo Lidoio
Universidade do Vale do Taquari
andreia.lidoio@universo.univates.br
<https://orcid.org/0000-0002-2293-6681>

RESUMO

Este artigo busca apresentar as contribuições dos espaços físicos nas instituições de Educação Infantil. A problemática levantada são as contribuições dos espaços físicos para promover aprendizagem e interações das crianças. Constitui seu objetivo investigar as contribuições dos espaços físicos para o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes da Educação Infantil. Os fundamentos teórico-metodológicos que nortearam a escrita deste artigo tiveram como base a abordagem qualitativa, por meio de revisão bibliográfica. O estudo pautou-se em Kramer (1986), Schneider (2017), Horn (2017), Barbosa e Horn (2001), Tiago (2006), Oliveira (2010), Almeida (1987), Vygotsky (1992), Cunha (2005) e BNCC (2017), LDB, 9.394/96, entre outros. Nesse sentido, verifica-se o quanto os espaços físicos nas instituições de Educação Infantil precisam ser considerados e utilizados de forma a proporcionar às crianças momentos de interações que propiciam aprendizagem e colaboram para promover o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Educação Infantil. Espaço físico. Interações e brincadeiras. Aprendizagem.

ABSTRACT

This study intends to introduce the contributions of physical spaces in early childhood education institutions. The problem raised is the contributions of physical spaces to promote learning and interactions of the children. Its goal is to investigate the contributions of physical spaces to the early childhood students' development and learning. The theoretical-methodological foundations that guided the production of this paper have been based on qualitative approach, by bibliographic review. The study is guided by Kramer (1986), Schneider (2017), Horn (2017), Barbosa et Horn (2001), Tiago (2006), Oliveira (2010),

Almeida (1987), Vygotsky (1992), Cunha (2005) and BNCC (2017), LDB (Brazilian Educational Act - Law Nº 9,234/1996), among others. In these terms, it can be verified how physical spaces in early childhood institutions need to be considered and used in order to provide children with interaction moments that foster learning and collaborate to promote their development.

Keywords: *Early Childhood Education. Physical Space. Interactions and games. Learning.*

RESUMEN

Este artículo busca presentar las contribuciones de los espacios físicos en las instituciones de educación infantil. El problema planteado son las contribuciones de los espacios físicos para promover el aprendizaje y las interacciones de los niños. Su objetivo es investigar las contribuciones de los espacios físicos al desarrollo y aprendizaje de los estudiantes de Educación Infantil. Los fundamentos teóricos y metodológicos que guiaron la redacción de este artículo se basaron en el enfoque cualitativo, a través de la revisión bibliográfica. El estudio se basó en Kramer (1986), Schneider (2017), Horn (2017), Barbosa y Horn (2001), Tiago (2006), Oliveira (2010), Almeida (1987), Vygotsky (1992), Cunha (2005) y BNCC (2017), LDB, 9.394/96, entre otros. En este sentido, se comprueba cuánto necesitan ser considerados y utilizados los espacios físicos en las instituciones de Educación Infantil para ofrecer a los niños momentos de interacción que ofrezcan aprendizajes y colaboren para promover su desarrollo.

Palabras clave: *Educación Infantil. Espacio físico. Interacciones y juegos. Aprendizaje.*

Introdução

Este artigo busca discorrer sobre “O espaço físico e suas contribuições para as interações e aprendizagens infantis”. É importante abordar sobre os mesmos dentro das instituições de Educação Infantil e o quanto eles agregam à organização de ambientes pedagógicos.

Os espaços físicos tornam-se marcantes e fazem parte da memória das pessoas. Eles as fazem recordar e voltar ao tempo da infância, resgatando as experiências ali vivenciadas. É comum os adultos se lembrarem de brincadeiras e de outros momentos de ludicidade vivenciados na infância e emocionarem-se com as lembranças.

É relevante discutir os espaços físicos na escola de Educação Infantil e refletir sobre como os ambientes são organizados e carecem ser considerados pelos profissionais que trabalham nas instituições que atendem a etapa da Educação Infantil e por aqueles que as pesquisam.

Quando se debate a Educação Infantil, visualizam-se crianças em processo de desenvolvimento, brincando e interagindo. Portanto é necessário conhecer as especificidades dessa etapa educacional e como as crianças nesse período aprendem.

De acordo com Salomão, Martini e Jordão (2007, p. 04), “A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural e colabora para uma boa saúde mental e física”. Pode-se dizer que a infância é uma etapa a ser vivenciada de forma a envolver a ludicidade, experimentações, acompanhadas de estímulos, tanto pelos professores quanto pela família. Ambas, escola e família, complementam-se nesse processo que envolve o cuidar e o educar.

Salienta o Documento Referência Curricular para Mato Grosso Educação Infantil (2018, p. 09): “[...]educar e o cuidar na Educação Infantil, dentre outras coisas, objetiva atender as crianças nas suas necessidades, oferecendo-lhes condições de se sentirem confortáveis, em relação a sono, fome, sede, higiene, dor e outros”. No processo que envolve o educar e o cuidar na Educação Infantil, é importante caminhar juntos, visto que, por meio dessa união, a criança cresce, aprende e se desenvolve.

Os espaços físicos existentes nas instituições de Educação Infantil contribuem com a criança para que ela possa explorar o meio, de modo a estabelecer relações com ele. O espaço torna-se palco de manifestações que envolvem sentimentos e que, ao mesmo tempo, propiciam o desenvolvimento da criança e de sua cultura.

As instituições organizam os espaços de maneira a torná-los ambientes que não só enriqueçam o aprendizado das crianças, como também sejam atrativos e desafiadores para que elas, nas suas singularidades que emergem na relação e nas vivências grupais, possam ir construindo sua aprendizagem.

Diante disso, os ambientes são organizados de forma a atenderem às diferentes faixas etárias. No entendimento de Moreira e Souza (2016, p. 231), “o Ambiente Pedagógico é compreendido como um elemento constitutivo da prática educacional, que considera a participação da criança na sua construção”. De acordo com essas autoras, o ambiente torna-se parte fundante do processo de ensino, enquanto o espaço é assim conceituado: “A dimensão física diz respeito a todo suporte físico do ambiente” (MOREIRA e SOUZA, 2016, p. 232). Nesse sentido, este artigo busca apresentar o quanto as situações de aprendizagem carecem das contribuições dos espaços físicos para a organização de ambientes que venham a contribuir no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Dessa forma, levanta-se esta problemática: Quais as contribuições dos espaços físicos existentes nas instituições de Educação Infantil para promover aprendizagem e interações das crianças? Seu objetivo é investigar as contribuições dos espaços físicos para o

desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes da Educação Infantil. Os fundamentos teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa tiveram como base a abordagem qualitativa, por meio de revisão bibliográfica.

A etapa da Educação infantil

A etapa da Educação Infantil é marcada pela trajetória da criança e envolve as brincadeiras e interações. Nesse movimento de brincar, interagir, inventar e viajar no mundo da imaginação é que a criança cresce e se prepara para a fase adulta.

Conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9.394/96, em seu artigo 29, “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Segundo regimenta a LDB, a Educação Infantil torna-se uma extensão da família, tendo em vista que os estudantes que frequentam essa etapa educacional são crianças muito pequenas que carecem de cuidados, atenção e afeto, correlacionados ao processo de ensino. Dessa forma, há necessidade de escola e família manterem diálogo em relação ao bem-estar dos pequenos, considerando que ambas exercem funções próximas: o cuidar e o educar. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 33) destaca: “Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo”.

Em relação à criança e seu desenvolvimento, a BNCC enfatiza as mudanças na compreensão de criança, a qual foi historicamente construída. A cada geração, o olhar que se teve em relação às crianças pequenas e como estas se desenvolviam passou por concepções diferentes. Menciona Kohan (2005):

Tão logo o pequeno pudesse prover-se fisicamente, habitava o mesmo mundo que os adultos, confundindo-se com eles. Nesse mundo adulto, aqueles que hoje chamamos de crianças eram educadas sem que existissem instituições especiais para eles. Tampouco, também não existia concepção de adolescência ou de juventude: os pequenos passavam diretamente de bebês a homens (ou mulheres) jovens. Não havia, naqueles tempos, nenhuma ideia ou percepção particular ou específica da natureza da infância diferente da vida adulta (KOHAN, 2005, p. 64).

A concepção de infância dos dias atuais é bem diferente da de alguns séculos. É importante ressaltar que historicamente o olhar que se tinha estabelecido era de a criança ser um adulto em miniatura. Isso parece impossível quando se atenta ao contexto atual, uma vez que a visão em relação a esse público era que ele não compreendia o que ocorria no seu entorno, sendo-lhe proporcionados cuidados básicos de higiene e alimentação para que pudesse crescer. Kramer (2003) ressalta:

[...] a ideia de infância (...) aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a sua inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa, ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma função futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade (KRAMER, 2003, p.19).

A partir desse período, retratado na história com o surgimento das indústrias e a chegada do capitalismo, a infância começa a ganhar novos contornos, e a criança passa a ser vista como um indivíduo em crescimento e desenvolvimento. Assim, ela chega a ser compreendida como um ser social, que convive com múltiplas culturas e consegue aprender por meio das interações e do brincar.

As alterações hoje presenciadas quanto ao processo de mudanças desses conceitos originaram-se de exigências sociais e econômicas. Na sequência, relacionam-se as contribuições nessa área e os escritos de autores com que esta pesquisa dialoga. A cada geração, maneiras de educar e de olhar a criança alteram-se de forma peculiar, considerando o meio socioeconômico e cultural. As mudanças na constituição de novas organizações familiares, a inserção dos pais no mercado de trabalho, bem como os avanços científicos e tecnológicos contribuem para tanto, o que reverbera também no ambiente escolar. Pontua Kramer (1986):

Conceber a criança como ser social que ela é, significa: considerar que ela tem uma história, que pertence a uma classe social determinada, que estabelece relações definidas segundo seu contexto de origem, que apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas, que ocupa um espaço que não é só geográfico, mas que também dá valor, ou seja, ela é valorizada de acordo com os padrões de seu contexto familiar e de acordo com sua própria inserção nesse contexto (KRAMER, 1986, p. 79).

A autora destaca o quão interligada à criança está a sua família, a conexão de culturas, costumes e tudo que pertence a ela. Ao chegar ao ambiente escolar, esses pequenos trazem consigo toda uma história na sua essência: o vínculo familiar e toda a carga genética, cultural, social, econômica e cultural. É essa correspondência que faz com que o ensino ofertado na Educação Infantil tenha variantes diferenciadas que precisam ser consideradas pelos profissionais das instituições que atendem a essa etapa. Observe-se o que pontua a Base Nacional Comum Curricular (2017) sobre a Educação Infantil:

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem em uma situação de socialização estruturada (BRASIL, p. 32, 2017).

Conforme a BNCC, a criança tem o direito de frequentar a Educação Infantil logo nos primeiros dias de vida; no entanto, na visão de Winnicott (1994), a amamentação é um processo essencial que une o bebê à sua mãe, e essa relação traz para ambos os momentos de intimidade profunda, a qual constitui um elo que permite a ambos a sensação de prazer e bem-estar, além de trazer grandes benefícios para a saúde da criança.

Mesmo diante da asseguridade da BNCC, é preciso salientar a importância da amamentação nos primeiros meses de vida, fortalecendo o elo entre mãe e filho. No entanto, sabe-se que muitas mães, devido a questões sociais e econômicas, não conseguem manter esse vínculo tão fundamental com seu bebê, sendo necessário contar com o apoio das escolas que ofertam a Educação Infantil para contribuir com os cuidados e a educação da criança desde o nascimento.

Não é fácil para uma mãe ter que se ausentar durante os primeiros meses de vida de seu bebê e permitir que ele comece a frequentar a escola tão precocemente. Seria adequado que ela tivesse a oportunidade de permanecer com ele durante esse período, o que, muitas vezes, é impossível devido a questões já pontuadas neste texto. Na escola, as crianças têm a oportunidade de interagir com outras da sua faixa etária e vivenciar momentos de interação e socialização. As brincadeiras e vivências oportunizadas às crianças são planejadas de forma a atender às suas necessidades.

O acolhimento das crianças na etapa da Educação Infantil é importante, e a escola e os profissionais da instituição buscam recebê-las com carinho, fazendo com que se sintam seguras e acolhidas e queiram permanecer no ambiente. Elas entram em um espaço diferente do familiar e passam a dividi-lo com outras crianças e adultos. Dessa forma, o acolhimento faz parte do trabalho nas instituições de Educação Infantil e torna-se indispensável para as crianças. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017):

As creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2017, p.32).

A BNCC destaca a relevância de considerar a criança e sua trajetória. O ensino ofertado nessa etapa educacional enfatiza assegurar cotidianamente aos pequenos o vivenciar de descobertas por meio de experiências, as quais lhes permitem a oportunidade de aprender por intermédio da interação e ludicidade. Frisa-se que a BNCC (2017) agrupa assim as crianças: bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Permanecem na modalidade creche os bebês e crianças bem pequenas; e, na modalidade pré-escola, crianças pequenas. O trabalho pedagógico respalda-se nos eixos estruturantes: Interações e Brincadeiras, e nos Direitos de aprendizagem: conviver, brincar, explorar, participar, expressar e conhecer-se, por meio de cinco Campos de Experiências. A cada campo de experiências atrelam-se os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento, que são inúmeros e podem ser conhecidos fazendo a leitura da Base nacional Comum Curricular para a Educação Infantil. Com esta organização, busca-se propiciar o desenvolvimento integral e respeitar suas particularidades, promovendo a interação e a socialização por meio das múltiplas linguagens.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017), que traz novas diretrizes de trabalho voltado para a etapa da Educação Infantil, é indispensável que o profissional que atua nessa etapa de ensino esteja preparado para pensar em um currículo que atenda a interesses e necessidades das crianças, considerando também o currículo apresentado pelas políticas públicas vigentes de cada município.

Muitas crianças, ao entrarem no espaço escolar das instituições de Educação Infantil, ainda não andam nem falam e demonstram suas necessidades biológicas por meio de emoções e sentimentos, sendo o mais comum o choro. Logo, a escuta do professor torna-se primordial. É nesse momento que o professor conhecerá as diferentes manifestações das crianças e, com base nelas, poderá suprir e atender às suas necessidades. Schneider (2017) ressalta:

A visão da criança com direitos próprios, atrelada à escuta do professor sobre aquilo que ela traz no seu dia a dia, abre a possibilidade de acentuar a interação do professor com ela, promovendo assim o protagonismo infantil. Nesse sentido, uma vez que a criança se sente segura e acolhida, poderá estar mais à vontade para expor suas hipóteses e questões, abrindo espaço para a construção do seu próprio processo de aprendizagem, que vai sendo constituído no encontro e na relação, baseada na troca e na escuta, em que tanto o professor, quanto as crianças relacionam-se e são elos da construção (SCHNEIDER *et al.*, 2017, p. 76).

Diante do exposto, podemos dizer que a escuta oportuniza ao professor observar a criança e suas diferentes linguagens e ações durante as interações e brincadeiras. Segundo Barbier (2004), escutar está ancorado na sensibilidade e empatia. A escuta sensível, ao ser adotada pelo professor no contexto escolar, busca contribuir e facilitar o diálogo e a relação entre professor e estudante. Ela busca compreender o ser humano e seus sentimentos, que, ressalta-se, interferem na aprendizagem dos estudantes. Essa escuta permite ao professor mediar esse processo de aceitação e compreensão do eu.

O espaço físico e suas contribuições no processo das interações e aprendizagens das crianças

Ao fazer referência ao espaço físico, imagina-se toda sua arquitetura e organização, destacando que ele se torna indispensável para a ação pedagógica do professor, principalmente na Educação Infantil, visto que auxilia esse profissional no desenvolvimento das suas aulas. Algumas delas somente alcançarão o seu objetivo caso haja um espaço físico adequado. Nesse sentido, podemos citar a apresentação de uma peça de teatro, uma brincadeira de esconde-esconde e tantas outras atividades. O espaço físico discutido nesta escrita abordará as suas contribuições para o desenvolvimento das crianças da Educação Infantil. Conforme pontua Horn (2017):

O termo “espaço” refere-se aos locais onde as atividades são realizadas e caracteriza-se pela presença de elementos, como objetos, móveis, materiais didáticos e decoração. O termo “ambiente”, por sua vez, diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais dos indivíduos envolvidos nesse processo, ou seja, adultos e crianças (HORN, 2017, p.18).

Na concepção dessa autora, os espaços fazem parte da escola de Educação Infantil. A organização destes conforme sua utilização torna-se elemento indispensável para transformá-los em ambiente de aprendizagem. Estruturá-los de acordo com a aula a ser ministrada é imprescindível para que os objetivos planejados contribuam pedagogicamente para o aprendizado das crianças.

No momento do planejamento, é fundamental o professor considerar o espaço, pois isso evita que o planejamento elaborado deixe de ser concretizado em decorrência da não organização do espaço, o que pode acontecer pelo tamanho inadequado, pela falta de organização e de higienização para torná-lo um ambiente propício para as situações de aprendizagem a serem desenvolvidas em um determinado momento. Ao professor compete pensar em estratégias que busquem garantir a aula planejada, de forma criativa e dinâmica. De acordo com Alencar (1986):

[...] é necessário ressaltar, pois, que o desenvolvimento e manifestação da criatividade não dependem somente dos esforços do próprio indivíduo. Tanto fatores intrapessoais quanto interpessoais, tanto fatores do próprio indivíduo quanto de natureza social poderão favorecer ou dificultar a emergência do processo criativo (ALENCAR, 1986, p. 15).

Quando estimuladas pelos professores, as crianças potencializam a criatividade. É essencial proporcionar-lhes situações de aprendizagens que as estimulem a experienciar situações em que possam criar. Além disso, os ambientes são fundamentais para que tal ação ocorra.

É possível, em determinados momentos, os ambientes serem transformados em vários lugares; a imaginação das crianças permite que isso aconteça. Assim, elas podem, por meio deles, entrar em uma floresta e, de repente, sair e ir para uma casa de bonecas, ou uma pista de corrida, bem como inventar outras brincadeiras ou possibilidades. A imaginação dos pequenos torna os espaços físicos ainda mais essenciais na Educação

Infantil devido à oportunidade de transformação que oportunizam. Barbosa e Horn (2001) corroboram essa ideia:

Também compartilhamos da ideia de que o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento da criança, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais. Inicialmente as crianças têm as suas percepções centradas no corpo; concomitante com seu desenvolvimento corporal, sua percepção começa a descentrar-se e estabelecer as fronteiras do eu e do não eu. Conseqüentemente, os espaços educativos não podem ser todos iguais, o mundo é cheio de contrastes e de tensões, sendo importante as crianças aprenderem a lidar com isso (BARBOSA e HORN, 2001, p. 73).

As autoras abordam o espaço como algo além de um simples recinto. Ele é palco para efetivação de diversos ambientes, como, por exemplo, uma brincadeira de pega-pega, ou uma brincadeira com circuitos, futebol e tantas outras que são desenvolvidas na quadra ou no pátio das instituições de Educação Infantil. Para desenvolver brincadeiras como as citadas, é pertinente que os espaços estejam livre de objetos, ou mobilhas. Em ambos os exemplos são imprescindíveis o planejamento e a organização do ambiente. Segundo Horn (2004, p.15), “[...] o olhar de um educador atento e sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos interagem com eles são reveladores de uma concepção pedagógica”. São esses elementos que tornam o espaço um ambiente, e eles somam no processo de aprendizagem dos estudantes.

Para Gandini (1990, p.150), [...] “o espaço reflete a cultura das pessoas que nele vivem de muitas formas e, em um exame cuidadoso, revela até mesmo as camadas distintas dessa influência cultural”. Os espaços na escola de Educação Infantil fomentam a organização de ambientes que visam atender às demandas pedagógicas da instituição, portanto possuem caráter social e cultural. Cabe salientar que o espaço tem papel fundante e integra o processo de ensino e de aprendizagem visto que permite ao professor oportunizar às crianças as experiências pensadas e propiciar-lhes imergirem nos diversos ambientes organizados e desenvolverem as experiências propostas. Todo o espaço, seja ele extenso ou não, carece de atenção e sua organização vai ao encontro da proposta pedagógica a ser desenvolvida naquele dia ou momento. A citação abaixo especifica detalhadamente a diferença entre espaço e ambiente:

[...] no espaço, situam-se os aspectos mais objetivos, enquanto no ambiente situam-se os mais subjetivos. Nesse sentido, não se considera somente o meio físico ou material, mas também as interações que são produzidas nesse meio. É um processo que se constrói como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam em uma estrutura física determinada que contém tudo e, ao mesmo tempo, é contida por esses elementos que pulsam nela como se tivessem vida. É como se o ambiente nos convidasse a partilhar com ele sensações e recordações (HORN, 2017, p.18-19).

Especifica a autora que a diferença entre espaços e ambientes compreende que espaço, no seu sentido mais genérico, é algo físico e determinado, o qual se torna ator principal para que o coadjuvante ambiente se aproprie do mesmo, ou seja, o espaço é emprestado para que o professor o transforme em ambiente, o qual é organizado para cada experiência, cada brincadeira a ser ali desenvolvida.

Convém destacar que alguns dos espaços nas escolas de Educação Infantil são pensados para que sua organização seja durável, recebendo apenas manutenção ou reorganização para se tornarem ambientes em determinados momentos. São eles a biblioteca, sala de vídeo, brinquedoteca, caixa de areia, jardins, parquinho, salas de aula, salas como a de contação de histórias, laboratórios, entre outros. Em alguns desses espaços, há mobiliários mais duráveis; em outros, nem há mobiliários, apenas aguardam a organização para se transformarem em ambientes colaborativos no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Na visão de Horn (2017):

[...] a forma como organizamos o espaço será decisiva, pois, quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas entre parceiros, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemente se constituirá como propulsor de novas e significativas aprendizagens (HORN, 2017, p. 20).

O espaço faz parte do planejamento do professor e torna-se parceiro nos momentos de trabalho. O refeitório, o banheiro, a sala de aula e o pátio são organizados de forma a fazerem parte do cotidiano infantil. Todos os espaços, quando são estruturados de forma a atender pedagogicamente os estudantes, acrescentam no fazer pedagógico. Para imaginar as contribuições de cada espaço, destacam-se aqui alguns, iniciando pelo refeitório. Esse espaço, estruturado a priori como um ambiente propício para a alimentação das crianças, pode ir além dessa finalidade. Nele é possível os professores trabalharem a autonomia das crianças para aprenderem a se servir e se alimentar

sozinhas, a provar sabores e cheiros diversos de alimentos, a vivenciarem experimentos que envolvem os sentidos e as descobertas de texturas, sabores, cheiros, entre outras aprendizagens. Pontuam Barbosa e Horn (2001):

Ao pensarmos no espaço para as crianças devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos (BARBOSA e HORN, 2001, p. 73).

O banheiro é outro espaço de grande relevância, sendo nele trabalhado o desfralde, assim como a importância da higienização do corpo e dos dentes. É nele também que se trabalha o conceito de economia e preservação da água e sua relevância para a vida, além da necessidade de higienização, entre outras aprendizagens.

A sala de aula é outro espaço que provoca a aprendizagem constantemente, já que é nela que as crianças e o professor passam bom tempo do período escolar. Algumas situações de aprendizagem são desenvolvidas na sala de aula, envolvendo as brincadeiras, direcionadas ou não, experiências com a arte envolvendo a música, dança, teatro, pintura, desenho, conto, entre outros. Os cantinhos preparados dentro desse ambiente ora são estruturados, ora são livres, a fim de que as crianças se manifestem e sejam protagonistas para vivenciarem diferentes linguagens. Nesses espaços, elas se permitem a magia do faz de conta, o mergulho no mundo da imaginação. Enfatiza Thiago (2006):

As crianças realmente ampliam suas possibilidades de exercitar a autonomia, a liberdade, a iniciativa, a livre escolha, quando o espaço está adequadamente organizado. Percebi, também, que poderia ficar mais livre para atendê-las individualmente, conforme suas necessidades, para observá-las e conhecê-las melhor. Dessa forma, ainda, poderia me envolver com um pequeno grupo de crianças, propondo uma atividade específica, como na situação relatada anteriormente, quando me pus a brincar de carro com uma caixa de papelão com algumas crianças, enquanto outras se envolviam com diferentes objetos e lugares na sala (THIAGO, 2006, p. 60).

Nos momentos em que as crianças estão imersas e vivenciando o faz de conta, o professor tem a possibilidade de observá-las, acompanhando seus interesses e necessidades a cada situação de aprendizagem que lhes é oportunizada. As socializações

ocorrem às vezes direcionadas pelo professor com a intenção de observar o desempenho, as dificuldades e potencialidades da criança. As interações em proporções maiores ocorrem em momentos livres e em espaços maiores.

Os momentos de brincadeiras livres cooperam para que o professor observe como as crianças estão interagindo ou se socializando. Nesses momentos, elas aprendem, umas com as outras, a valorizar e respeitar as individualidades e a conviver com a coletividade. Nesse sentido, Oliveira (2010) corrobora:

Em nossa concepção, a criança participa ativamente em seu desenvolvimento através de suas relações com o ambiente, especialmente pelas suas interações com adultos e demais crianças (coetâneas ou mais velhas), dentro de um contexto sócio-histórico específico. Ela explora, descobre e inicia ações em seu ambiente, seleciona parceiros, objetos, equipamentos e áreas para realização de atividades, mudando o ambiente por intermédio de seus comportamentos. Entretanto, por outro lado, é necessário salientar que os comportamentos infantis são influenciados pelos ambientes fornecidos pelos adultos de acordo com seus objetivos pessoais, construídos com base em suas expectativas culturais relativas aos comportamentos e desenvolvimentos infantis (OLIVEIRA, 2010, p.127).

As diferentes revelações das crianças ou as diferentes linguagens e expressões usadas nas situações de aprendizagem variam muito, e o espaço contribui de forma significativa para isso. Mesmo sendo o ambiente escolar, os diferentes espaços estimulam comportamentos e aprendizados diferentes. Ao deixar os pequenos se organizarem para realizar sua brincadeira livre, eles sentem-se autônomos e protagonistas da ação.

Os espaços onde são oportunizados momentos de brincadeiras livres exigem cuidados do professor para que as crianças não se machuquem. Mas a liberdade de criação e invenção nos momentos de brincadeiras livres é relevante, e podemos dizer que tudo se transforma. Nesses momentos das brincadeiras e interações entre as crianças, é possível observar que elas protagonizam vivências diversas e expõem isso por meio do brincar, experimentando a liberdade da criação e dando asas à imaginação.

É nos momentos de brincadeiras livres que se visualiza nas crianças o desenvolvimento da oratória, liderança, trabalho em equipe, resolução de problemas, organização, solidariedade, compreensão, empatia e resiliência. As crianças manifestam-se cada uma de modo diferente, dependendo da idade e da personalidade. No entanto, são as diferenças que tornam ricas as socializações e as aprendizagens, uma vez que a mistura de

culturas, costumes e diferenças faz com que as crianças cresçam e se desenvolvam respeitando e aprendendo a conviver com o outro.

O espaço físico e suas contribuições no processo das interações e aprendizagens das crianças

O brincar faz parte do cotidiano infantil e está conectado ao desenvolvimento da criança. O trabalho nas instituições de Educação Infantil pauta-se nas brincadeiras, por considerar que, por meio delas, as crianças aprendem de forma prazerosa. As brincadeiras organizadas pelo professor ou as livres para que as crianças façam uso da imaginação fazem-se presentes cotidianamente nesse espaço. Salieta Vygotsky (1992):

[...] é na brincadeira que a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário. A criança vivencia uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que a realidade, o brinquedo fornece estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência da criança (VYGOTSKY, 1992, p. 117).

Em seus escritos, o autor destaca as contribuições da interação no processo de desenvolvimento infantil. Para ele, as brincadeiras colaboram na perspectiva de levar a criança a transportar para o imaginário o real vivenciado, sendo a brincadeira o caminho para essa vivência. O brincar faz parte do cotidiano infantil, sendo representado por meio do imaginário no mundo do faz de conta. Conforme o autor, esse processo permite à criança o amadurecimento cognitivo e emocional. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017):

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2017, p. 35).

A BNCC enfatiza as contribuições do brincar para assumir papéis no cotidiano de suas vivências. No sentido mais amplo, brincar é imaginar, criar, recriar e inventar. Para a criança, esse processo torna-se primordial, já que ela incorpora momentaneamente as situações imaginadas e usufrui disso nas brincadeiras. Brincar permite interagir,

socializar, frustrar-se, enfrentar desafios, ao mesmo tempo em que se alegra, amadurece e cresce. Tudo isso ocorre no ato da brincadeira, seja com outras crianças, adultos, seja com animais, objetos reais ou imaginários. Tudo ganha vida, tudo se transforma. As contribuições desse ato no desenvolvimento infantil agregam à criança maturação e preparo para a vida adulta.

O brincar na infância torna-se a linguagem mais usada pelas crianças para se comunicarem, desde muito cedo. Ainda bebês, isso é perceptível quando brincam com as partes do corpo, com os familiares, e é nesse universo que vão se descobrindo. O ato em si é prazeroso, natural e único para elas, visto que as brincadeiras fazem parte do repertório infantil desde o nascimento e as acompanham durante seu o crescimento. Na concepção de Cunha (2005):

As relações cognitivas e afetivas, consequentes da interação lúdica, propiciam amadurecimento emocional e vão, pouco a pouco, construindo a sociedade infantil. Especialmente nos jogos grupais, a interação acontece de maneira mais fácil, pois é estimulada pela necessidade que os elementos de grupo têm de alcançar determinadas metas. Para extrair resultados mais ricos dessa interação é necessário mudar sempre os elementos dentro de cada grupo (CUNHA, 2005, p. 13).

De acordo com o autor, a maturação emocional das crianças tem relação com diferentes formas de brincar que elas experimentam. É nos momentos de ludicidade e interação que elas são expostas a situações-problema e necessitam de amadurecimento para resolvê-las, principalmente no ambiente escolar, onde dividem o espaço e as brincadeiras com os demais colegas. Segundo Almeida (1987):

Ao brincar com bonecas ou utensílios domésticos em miniatura, uma criança exercita a manipulação dos objetos, compondo-os e recompondo-os, designando-lhes um espaço e uma função, dramatizando suas próprias relações e eventualmente seus conflitos. Grita com as bonecas, usando as mesmas palavras da mãe, para descarregar sentimento de culpa; acaricia e afaga-as para exprimir suas necessidades de afeto. Pode escolher uma delas para amar ou odiar de modo especial, caso a boneca lembre o irmãozinho amado, ou do qual tem ciúmes. Faz do brinquedo a representação, constituindo uma autêntica atividade do pensamento (ALMEIDA, 1987, p. 26).

As frustrações, tanto por divergências de pensamentos ou personalidades, levam-nas a se posicionarem e resolverem as divergências geradas no momento das brincadeiras coletivas. Às vezes, em determinados períodos, é necessária a intervenção de um adulto para mediar a situação; em outras, elas conseguem sozinhas. O autor afirma que, mesmo conseguindo resolver os conflitos gerados entre elas, o adulto precisa estar próximo constantemente. Crianças exigem cuidados e atenção e, conforme a faixa etária, esse cuidado deve ser ainda maior. Elas demonstram nas brincadeiras as diversas situações a que são submetidas constantemente, e a observação é de suma importância para verificar as representações expostas pelas crianças.

É nas diversas formas de vivenciar a ludicidade que as crianças da Educação Infantil aprendem conceitos básicos que as ajudarão a crescer. As regras, os limites, o perder e o ganhar, esperar a vez do outro até que chegue a sua, a interação e a socialização fazem com que elas compreendam que se vive em uma sociedade com direitos e deveres e que há a necessidade de respeitar o outro e sua singularidade para viver harmoniosamente e em coletividade.

Cabe à escola e aos professores assegurarem no planejamento a oportunidade de as crianças investigarem e experienciarem diferentes brincadeiras e jogos no ambiente escolar. Os desafios e conflitos gerados ao trabalhar com algumas brincadeiras fazem com que os pequenos aprendam principalmente o respeito ao outro.

Crianças de todas as idades brincam. Elas adaptam as brincadeiras de acordo com sua maturação biológica e emocional. Ao professor cabe estar ao lado incentivando, mediando e brincando com elas, bem como desafiando-as. Tudo se transforma no mundo imaginário dos pequenos: uma caixa de papelão pode transformar-se em um castelo, em uma cadeira ou em uma poltrona de avião. É importante ofertar para as crianças momentos nos quais elas possam fazer uso da imaginação.

Algumas crianças têm preferência por brincadeiras que envolvem movimentos, outras preferem brincadeiras mais calmas. São as contendas que as fazem aprender que são diferentes umas das outras, mas isso faz com que se sintam bem e aprendam a se respeitar. Em relação aos brinquedos ocorrem as mesmas preferências, por isso é preciso deixar que elas usem a imaginação para produzirem também seus brinquedos, o que lhes oportuniza o desenvolvimento da criatividade. Nesse universo escolar da Educação Infantil, as brincadeiras, brinquedos e os espaços fazem parte da rotina. O repertório a ser

ofertado para os pequenos carece envolver e atender às diversas culturas em que as crianças estão imersas. Segundo Horn (2017):

As marcas culturais também são de extrema importância nesse espaço hospitaleiro: elementos que marcam a vida das pessoas daquela região, daquela cidade e daquele bairro fornecerão a identidade necessária a esse lugar, que o tornará diferente de outras instituições de educação infantil localizadas em outras regiões. O importante é manter esse espaço visualmente atraente e cuidado, no sentido de mantê-lo limpo e com aromas agradáveis, convidativo e revelador das características de quem o habita (HORN, 2017, p. 34).

Como destaca Horn (2017), os espaços físicos possuem marcas culturais que são preservadas de acordo com cada instituição ou região na qual se está inserido. Essas marcas culturais agregadas nos espaços físicos despontam na organização do ambiente, no qual se discute toda a cultura intrínseca, a história que nele permeia.

A ludicidade desenvolvida com as crianças no ambiente da Educação Infantil vai além das brincadeiras e das diversas formas de manifestação da ludicidade: a forma de contar uma história, cantar uma música, dançar, teatrar, bem como explorar outras maneiras de transformar os momentos em que as crianças permanecem na instituição em aprendizagem prazerosa, faz parte desse universo da Educação Infantil e das práticas pedagógicas de ensino.

Os adultos esquecem que foram crianças e não se dão conta do quanto as brincadeiras e brinquedos são significativos para os pequenos. De acordo com Almeida (1987, p.38), “O mundo do brinquedo é um mundo composto, que representa o apego, a imitação, a representação e não aparece simplesmente como uma exigência indevida, mas faz parte da vontade de crescer e se desenvolver”.

O universo infantil é constituído do faz de conta, da ludicidade, e os brinquedos são para as crianças algo importante que faz parte da sua vida. Cabe aos adultos que com elas convivem, seja no ambiente escolar ou familiar, respeitar a infância e toda sua singularidade nas diversas pluralidades. Além disso, é preciso favorecer momentos de interação nos quais as crianças possam interagir e socializar. Dentro desse processo, os diferentes espaços devem ser pensados de modo a favorecer às crianças, no ambiente escolar, aprendizagem e desenvolvimento de forma prazerosa, considerando as especificidades de cada criança.

Considerações Finais

Os espaços físicos que compõem as instituições de Educação Infantil são fundantes no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças que as frequentam. É neles que se desenvolvem a rotina voltada para as crianças, o faz de conta e as brincadeiras. Eles carecem ser pensados de forma a atender aos interesses das crianças, bem como devem ser um elo entre o planejamento e o currículo da instituição.

Ressalta-se que o brincar, as brincadeiras, o faz de conta fazem parte do cotidiano infantil. O ambiente escolar necessita pautar o trabalho pedagógico de forma a permitir que as crianças tenham a liberdade de vivenciar suas experiências por meio da ludicidade. Dessa forma, ele estará contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Conhecer as crianças e propor-lhes a interação favorecendo a socialização a fim de que elas desfrutem dos momentos vivenciados na instituição, aprendendo a resolver conflitos, a ser autônomas nas atividades de vida diária, protagonistas da sua história, é imprescindível e precisa ser respeitado e considerado pelos profissionais das escolas de Educação Infantil.

Este artigo buscou destacar as contribuições dos espaços físicos na Educação Infantil e como eles se tornam ambientes de aprendizagem desde que sejam organizados para isso. O ambiente contribui para a promoção das aprendizagens e criatividade das crianças, além de favorecer a ludicidade por meio dos brinquedos e brincadeiras.

Os espaços, independentemente do tamanho físico, quando organizados em ambientes de aprendizagem, tornam-se indispensáveis para as experiências das crianças no cotidiano da escola de Educação Infantil. Nesse sentido, verifica-se o quanto os espaços físicos nas instituições de Educação Infantil precisam ser considerados e utilizados de forma a proporcionar às crianças momentos de interações, buscando fazer deles ambientes de ludicidade que propiciem aprendizagem.

A criança, por meio da interação e brincadeiras nos espaços organizados em ambientes de aprendizagem, faz uso da imaginação e da criatividade, mergulha no mundo do faz de conta e aprende de forma prazerosa.

Os resultados dos estudos realizados com base nos autores apontados neste artigo propõem considerar que os espaços são transformados em ambientes conforme as atividades a serem ali desenvolvidas e que a sua organização é de suma importância para que as aulas ministradas possam alcançar os objetivos propostos, bem como possam

contribuir de forma significativa para o aprendizado e desenvolvimento das crianças. Ressalta-se que se fazem necessárias discussões voltadas para essa temática, pois, dessa forma, aperfeiçoam-se ainda mais os debates sobre as contribuições inegáveis dos espaços e ambientes nas instituições de Educação Infantil.

Referências

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1987.
- ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. **Criatividade e ensino**. Psicologia: Ciência e Profissão. vol.6 no.1 Brasília 1986.
- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil. Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Série Pesquisa em Educação, Brasília: Líber Livro, editora, v. 3, 2004.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF, 2017.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** n.º 9.394/96. Brasília: DF, 1996. [www.planalto.gov.br > ccivil_03 > 2013 > Lei > L12796](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/2013/Lei/L12796.htm). Acesso, 12/05/2020
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.
- CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedos, desafios e descobertas**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2005.
- CRAYDY, Maria. KAERCHER, Silva da, P. Elise. (ORG). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre, Artmed, 2001.
- GANDINI, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Réggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1999.
- HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004
- HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.
- KRAMER, Sônia. **O papel social da pré-escola**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, (Cadernos de Pesquisa), 58, 1986.
- KRAMER, Sônia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental**, 2003.

KOHAN, Walter Omar. **Infância**. Entre educação e filosofia. 1 ed. Belo Horizonte, 2005.

MATO GROSSO. **Documento Referência Curricular para Mato Grosso Educação Infantil**. Cuiabá, MT, 2018.

MOREIRA, Picanço Rosa Ana. Souza de Noronha Tatiana. Ambiente pedagógico na educação infantil e a contribuição da psicologia. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 20, Número 2, Maio/Agosto de 2016.

RCNEI – **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 2010.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (org). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: 9. ed. –Cortez, 2010.

SCHNEIDER, Mariângela Costa et al. **O que fazer com o que emerge das crianças? planejando com as crianças do primeiro ano do ensino fundamental. Imagens da Educação**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 74-85, 2017.

THIAGO, L. P. S. Espaço que dê espaço. In: OSTETTO, L. E. (Org.). **Encontros e encantamentos na Educação Infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas: Papirus, 2006.

VYGOTSKY, Lev. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1992.,

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Revisores de línguas e ABNT/APA: Clarice Marlene Hilgerman e Fernando Henrique Zilio da Silva

Submetido em 09/07/2020

Aprovado em 17/03/2021

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)